

© by Uarlen Becker

Todos os direitos reservados. Proibida a montagem, toda ou em parte, sem a autorização prévia do autor e da ABRAMUS. becker.uarlen@gmail.com

VIRTUAL LOOKING GLASS

Uarlen Becker

Comédia em 1 ato para 3 atores

Personagens

Cassandra

Péricles

Irmã Eime

Humberto

Policia

Homem

VIRTUAL LOOKING GLASS

Comédia em um ato

Uarlen Becker

Cena 1 - All

Espécie de armazém perdido no meio de uma estrada.

PÉRICLES (arrumando alguma coisa)

Se eu tivesse escutado, não estaria nessa situação, seria bem pior! Onde eu poderia estar, cachorrinha? Onde? Ah, os velhos conselhos são velhos mesmo. Mas ainda acredito neles. Sou o profeta de mim mesmo cachorrinha. Não acordo desse pesadelo eterno, reservado por Deus para alguns. Eu queria ter a fé. Aliás, eu tenho a fé, mas queria que ela brilhasse como os cristais do lustre. Será que vai chover?

Detém-se diante da porta.

Não. Aqui não chove faz uns três meses. E o que será de nós? É um verão torrencial. *Rindo.* Verão torrencial! De onde eu tirei essa porra? Dos livros, só pode ser dos livros. Ou da TV! Sabe cachorrinha, tem dia que eu gostaria de sumir. Não é bem morrer, mas sumir, ou dormir por uma semana inteira. Odeio esse lugar e essa gente que vem aqui. Quando vem alguém aqui! Eu gostava é das festas, das pocilgas que eu frequentava todas as noites, sim, porque de dia eu dormia ou conseguia mais dinheiro para gastar nos chiqueiros que eu adorava frequentar. As doces meninas, os doces cigarros, as amargas bebidas. Parece que faz uns cinquenta anos, mas eu nem cheguei aos quarenta! E já me sinto um velho! E eu só queria ela dissesse que a mim ela ama muito mais, que me ama para sempre!

Liga um velho rádio.

Assim que eu gosto. Música suave. Ninguém é solitário na companhia da música. Quando os locutores começam a falar me dá vontade de vomitar. Não gosto dos vícios das profissões, são tão doentios como qualquer outro. Onde é que os caras aprendem a falar daquele jeito! Parece a voz imaginária de Deus! Se você tivesse um polegar eu pediria pra você anotar o que falta comprar. Essa fábrica de poeira aqui tá precisando de ordem e de progresso.

Não tenho ânimo para arrumar essa tralha mais uma vez. Os pacotes de maisena da velha Clotilde estão separados; o azeite de oliva do pastor Jorge está na prateleira de cima; os cigarros dos peões da construtora estão dentro do pote, eles que metam a mão e peguem; as aspirinas da professora Rogéria estão embrulhadas e dentro do saquinho plástico verde que ela tanto gosta. Ela pensa que a úlcera vai se acalmar com as aspirinas, aquela velha serpente no cio. A chaga tem o fogo do inferno por conta dos estudantes; aquelas medusas de farda e perfume doce. Eu os envenenaria um por um. Morreriam ao chegar em casa. Ou esperava a hora do recreio e esmagava a todos no pátio com meu próprio carro velho. Assim o salário compensaria. Ensaboaria a alma. *Pausa.* Vai sonhando! A comida tá boa neném? Você come primeiro que eu todos os dias, mas quando eu vou comer você senta a bundinha e vigia a beira de meu prato. Pisca os olhos e resmunga querendo um naco. O que você pensaria de mim se eu fizesse o mesmo com você? Mas eu não faria isso com você, sabe que eu sou amante da privacidade não sabe? As mulheres que tive não me amaram como eu merecia ser amado. Não me entenderam é bem verdade. Elas me queriam vinte e quatro horas á disposição, como toda mulher. Queriam amor, mas o amor é eterno e eu gosto das coisas passageiras, como o sexo. Nunca levantei a mão para nenhuma delas sabia neném? A última me levou o carro novo e um gole de água! Além do jarro de flores da mamãe. As outras levaram o pó de minha pele. Ficaram os pentelhos! As flores caminham lado a lado dos espinhos, amarelinha. O doce não precisa de uma pitada de sal para se equilibrar? A pitada de sal de algumas pessoas é do tamanho do monte das Oliveiras. E com direito a sermões por toda a vida!

Cena 2 - Meeting

Entra alguém. Detém-se diante do balcão.

CASSANDRA (Banhada em suor)

Que foi, nunca viu? *Pausa.* Me dá uma água por favor. Mineral. Natural e sem gás. *Bebe a água.* Por gentileza, o senhor conhece um tal de Humberto?

PÉRICLES

Não senhora.

CASSANDRA

Pode me chamar de senhor mesmo. Me chamo Cassandra. Eu estou aqui a trabalho.

PÉRICLES

Péricles. Não senhor.

CASSANDRA

Não o quê?

PÉRICLES

Não conheço esse tal de Humberto.

CASSANDRA

É um cliente. Vou dançar pra ele. *Pausa*. Vai ficar aí me olhando cara? Sou puta não, não ganho dinheiro com sexo, não faço sexo faz uns seis anos! Nem comigo mesmo! Eu só danço e canto e mais nada. E fumo uns cigarros nojentos. Tem cliente que me paga só para me acender um cigarro. Homens antigos, senhores de respeito, cujas mulheres aderiram à moda de não fumar e eles acham excitante e socialmente importante acender um cigarro para uma dama. Uma coisa cada vez mais difícil de encontra. As damas, claro. E os cavalheiros também. Não consegue parar de me olhar né? Me diz uma coisa, onde eu poderia tomar uma informação aqui? O cara disse que morava perto desse armazém. E eu não tenho como voltar, eu moro muito longe, de carro leva um dia inteiro! E não posso voltar sem o dinheiro. Devia voltar a trabalhar como enfermeiro. Se Deus me indicasse um caminho, mas para mim ele é mudo.

PÉRICLES

Se você esperar um pouco eu posso eu posso ir correndo perguntar a dona Zélia se ela conhece esse Humberto.

CASSANDRA

Quem é essa Zélia?

PÉRICLES

A moradora mais velha daqui. Ela passa o dia inteiro se olhando em um espelho imaginário.

CASSANDRA

É doida?

PÉRICLES

Veja lá como fala da dona Zélia. É uma senhora de respeito.

CASSANDRA

Desculpe senhor, mas é que uma pessoa que fica o dia todo se olhando em um espelho imaginário...

PÉRICLES

Pelo menos ela vê alguma coisa. Pior quem se olha no espelho de verdade e não vê nada. Certas pessoas deviam ficar cegas quando se olham ao espelho, para não ver o terror da existência na própria face.

CASSANDRA

Frases de efeito. O senhor parece um filósofo. Bom, se puder me fazer o favor...

PÉRICLES

Espere um pouco. Não vou demorar mais de quinze minutos.

CASSANDRA

Por gentileza, não demore muito, sim, eu preciso encontrar esse tal de Humberto o quanto antes.

Péricles sai. Cassandra senta-se. Depois se levanta. Aos poucos começa a dançar uma música imaginária.

Cena 3 - Red House

Entra um homem de óculo, segurando uma pasta.

HOMEM

Oi.

CASSANDRA

Oi.

HOMEM

Cadê o balconista?

CASSANDRA

Deu uma saída. Ai, esse cachorro não para de latir?

HOMEM

É cachorra. É fêmea.

CASSANDRA

Pelo visto ela não gosta do senhor.

HOMEM

Mas vai passar a gostar.

CASSANDRA

O senhor conhece por essas redondezas um tal de Humberto?

HOMEM

Como ele é?

CASSANDRA

Não sei. Nunca vi mais gordo. Nem magro.

HOMEM

Não é Humberto. Deve ser o Humberto. Escreve-se com “h”, mas fala-se como se fosse “rê”. A mãe dele. A mãe dele dançava rumba. Por isso botou o nome do filho Humberto, entende?

Pausa.

CASSANDRA

O senhor tá contando uma piada né?

Pausa.

HOMEM

Eu tenho cara de quem conta piada?

CASSANDRA (Assustadíssima)

Agora que reparei. O senhor tem a cara do balconista! A mesma cara! São irmãos gêmeos?

HOMEM

Eu tenho cara de quem tem irmão gêmeo?

CASSANDRA

Mas... Mas... Mas como pode? Não entendo como é que... Mas esse tal de Humberto, onde ele mora?

HOMEM

Defronte do outro armazém, uma casinha verde.

CASSANDRA

Sim, lembro-me de ter passado por uma casinha verde. Eu preciso falar urgente com esse sujeito. Vim aqui só pra isso. *Saindo.* Muito obrigado, o senhor me salvou a vida.

O homem segue Cassandra com o olhar. Vai para detrás do balcão e sai com uma cachorra empalhada. Sai. Permanecem os latidos. Cassandra retorna.

CASSANDRA

Moço, chamei, mas ninguém atendeu, pelo visto não tem ninguém lá. *Pausa, olha ao redor.* Olá! *Pausa, procura um pouco, chama dentro.* Tem alguém aí a não ser a cachorra que não para de latir? *Pausa.* Parece que foi embora. E eu ainda não achei o filho da dançarina de rumba! Que história mais estapafúrdia! *Pausa.* Odeio ficar só. Tenho menos medo da morte que da solidão. A pessoa devia morrer antes de ficar só.

Pausa. Começa a cantar uma música irreconhecível. Ergue-se. Começa a dançar. Parece cansar e senta-se.

CASSANDRA

Ontem estive em casa de meus amigos. Estar com eles é estar só três vezes; penso que nunca poderei fugir de mim mesmo. Não tenho coragem para cometer um suicídio. O suicida é antes de tudo um corajoso. E covardes como eu se contentam com uma existência mesquinha, preocupada apenas com o aluguel do mês seguinte, com a feira da semana que vem, com o remédio de hoje à noite. Deus, em sua infinita sabedoria e mudez, não nos deu o dom da invisibilidade. Todas as coisas se compensam na sordidez da comida mal ingerida, do sexo grosseiro, das pequenas forras cotidianas, das vingancinhas ordinárias, dos revides mal executados, da falta de ânimo para reagir.

Cena 4 - Shot in the mouth

PÉRICLES (Entrando)

Estava falando com quem?

CASSANDRA

Não estava falando.

PÉRICLES (*Inquisitorialmente*)

Estava sim, eu vi e ouvi.

CASSANDRA

Estava pensando alto. Sempre penso alto, é como se estivesse na companhia de alguém.

PÉRICLES (*Sem dar muita atenção*)

Não encontrei o Humberto. Falei com dona Flávia de seu Nelson e ela disse que ele tinha ido comprar leite.

CASSANDRA

Uma hora dessas?

PÉRICLES

Não estranhe. As pessoas aqui são muito estranhas.

CASSANDRA

E onde fica a leitaria?

PÉRICLES

A segunda rua abaixo do armazém. *Pausa. Olha para dentro do balcão.* Mas, onde está a cachorrinha?

CASSANDRA

Está aí, olha ela latindo! *Vai até o balcão.* Mas o que é isso? Um gravador? E cadê a cachorra? Veio um homem aqui, muito estranho, parecidíssimo com o senhor. Será que ele a levou? Mas não era ela que latia? Meu Deus, o senhor é doido?

PÉRICLES (Desesperado)

Levou? Como era ele?

CASSANDRA

Era a sua cara, eu pensei que fosse um irmão gêmeo! Eu fui tentar encontrar o Humberto, que ele disse que se pronuncia com...

PÉRICLES (Agarrando Cassandra pelo colarinho)

Pro inferno com o Humberto! Não devia ter deixado! Levaram a pobre cadelinha! E agora o que eu faço? Empalhei-a para tê-la sempre comigo. Antes que ela morresse gravei seus latidos, uivos e grunhidos para tê-la sempre por perto. Todos me abandonaram, ela sempre foi fiel a mim. Não consegui juntar ao meu redor sequer um séquito de gentes interessadas, a não ser interesseiras. Mas ela não: foi fiel até o fim e ele a levou... A culpa é sua, não devia ter deixado que ele a levasse!

CASSANDRA

Não tive culpa nenhuma, eu não vi quando ele a levou, eu o deixei aqui sozinho, o homem parecia um louco, meio possesso, e posso afirmar que era a sua cara, cuspidor e escarrador!

PÉRICLES

Você está louca! Louco! Não devia ter permitido, levaram meu nenê. Eu já sei o que fazer...

(Corre para trás do balcão e pega um revólver. Começa a chover forte.)

CASSANDRA

Moço... Não faça uma besteira, pelo amor de Deus.

PÉRICLES

Não será uma besteira. Tudo que digo não se aplica a mim.

(Atira na própria boca; cai por trás do balcão. Cassandra grita desesperado. Corre para trás do balcão, quase tendo um ataque. A chuva aumenta.)

CASSANDRA (Há um telefone no balcão, ela disca)

Meu Deus, e agora? O que eu faço? Sem sinal... Sem sinal... *Corre até a porta.* Escureceu tão rápido... E que tempestade! E agora o que eu faço? Calma, calma Cassandra... Vai dar tudo certo... Calma... Vou me sentar, respirar fundo, pensar com calma... Respirar fundo e pensar com calma, contar até dez,

respirar fundo, pensar com calma, pensar positivo, contar até dez. Alinhar a coluna, estufar o peito, erguer o queixo, mentalizar flores, cachoeiras, uma estrada longa pela frente, dinheiro, amor, sucesso, positivismo, otimismo, capacidade, inventividade, prestígio, calma, respira, calma... A chuva vai passar, eu vou chamar a polícia. Não, eu vou embora daqui. Levanta-se. *Para na porta. Senta-se novamente.* Mas não posso ir embora sem falar com o Humberto. Preciso encontrar o Humberto, ele vai me ajudar. Mas preciso esperar a chuva passar.

Corre até a porta, olha pra fora.

Deus, não passa uma alma viva! E que tempestade! Mas como pode, tão de repente? Calma... Calma... Vai dar tudo certo. Veja o lado bom das coisas. O que pode acontecer de mal? Nada! Não se desanime, seja otimista! Lembre-se dos livros que leu. Pense positivo. O universo conspira a seu favor.

Corre até a porta e grita.

Vai dar tudo certo!

Nesse momento, um policial para a sua frente.

Cena 5 - Handcuffs

POLICIAL

Boa noite.

CASSANDRA (Assustadíssimo)

Boa noite.

POLICIAL

O Pepe. Onde ele está?

CASSANDRA

Pepe, quem é Pepe? *Pausa.* Ah, o Péricles, o balconista, o dono do armazém!

Pausa.

POLICIAL

Exato. Onde ele está? Sabe dizer?

CASSANDRA

Olha, ocorreu uma coisa trágica. Por causa da cachorra empalhada e com os latidos gravados que foi levada, ele se matou.

Pausa.

CASSANDRA

Mas não fui eu que dei o tiro, eu não o matei moço, o senhor precisa acreditar em mim. Parece que eu estou vivendo um pesadelo!

POLICIAL

Como é seu nome?

CASSANDRA

Cassandra.

Pausa, o policial olha atentamente.

CASSANDRA

Ronaldo. Cassandra eu uso a trabalho.

POLICIAL

Onde você escondeu o corpo?

CASSANDRA

Ali atrás do balcão. Quero dizer, eu não escondi nada, ele deu um tiro na própria boca e caiu lá por trás.

POLICIAL (Indo averiguar)

É verdade, o Pepe está aqui. Está morto. Você se afaste e coloque as mãos onde eu possa ver. Coloque as mãos na parede.

CASSANDRA

O senhor está cometendo um erro, está enganado eu...

POLICIAL (Dando-lhe uma bofetada)

Coloque as mãos na parede agora!

CASSANDRA

Ai, calma, tudo bem.

O policial revista Cassandra bruscamente.

POLICIAL

Muito bem, o que você está fazendo aqui?

CASSANDRA

Eu vi procurar um tal de Humberto.

POLICIAL

O Humberto é seu cúmplice no assassinato?

CASSANDRA

Não! Não é! Quero dizer, não houve assassinato nenhum senhor, ele ficou nervoso e desesperado com o sumiço da cachorra empalhada, sacou uma arma e tirou a própria vida, eu quase desmaiei, levei um susto da porra!

POLICIAL

O que você veio fazer com o Humberto?

CASSANDRA

O senhor o conhece?

POLICIAL

É um matador de aluguel, comedor de travesti.

CASSANDRA

Olha, há um engano aqui, eu não sou prostituta, sou dançarino, Eu só danço e faço companhia para os clientes, vocês pensam que todo travesti ganha por sexo. Mas espere... O senhor disse que ele é matador de aluguel?

POLICIA (Balançando a cabeça)

E trabalha muito a serviço de políticos, vereadores, deputados... Mata gente de sindicato, gente de oposição, advogados, promotores, juízes e juízas, mas até hoje nunca matou um travesti.

CASSANDRA (Atônito)

Meu Deus... Eu não acredito. Eu tenho que encontrar o Humberto.

POLICIAL

Você não vai a lugar nenhum, está envolvido com um crime. Quando a chuva passar haverá sinal de telefone e poderemos investigar isso direitinho, o pessoal da perícia virá, você vai pra delegacia depor e fim de papo. Tá tudo alagado, essas águas são perigosas, de tempos em tempos chove assim, não podemos sair daqui.

CASSANDRA

Quer dizer que as estradas estão alagadas?

POLICIAL

Entendeu né?

CASSANDRA

Eu não posso sair daqui sem falar com o Humberto. *Pausa.* Espere... Você também é a cara do balconista. Vocês são trigêmeos?

POLICIAL (Aproximando-se, ameaçador)

Eu tenho cara de trigêmeo?

CASSANDRA (Balançando a cabeça afirmativamente)

Não. Claro que não... Mas eu preciso sair daqui.

POLICIAL

Você não vai a lugar algum! Fique quietinho aí em seu lugar. Pobre Pepe, tão gente boa, terminar seus dias desse jeito. Você tá fudido cara!

CASSANDRA

Quantas vezes eu tenho que dizer que não matei ninguém? O senhor não está vendo a arma na mão dele?

POLICIAL

Em qual mão? A direita ou a esquerda?

CASSANDRA

A direita, claro, ele atirou com a mão direita, botou a arma na boca e pow!

POLICIAL

O Pepe era canhoto.

CASSANDRA (Abruptamente)

Canhoto? Mas o que isso tem a ver? Olha, não quero saber de mais nada, estou de saco cheio desse lugar! Vou embora.

POLICIAL (Sacando a arma)

Você fica aí rapaz!

Cassandra atraca-se com o policial e acaba rendida; o policial a algema em uma cadeira, que ela arrasta para lá e para cá.

CASSANDRA

Escute aqui eu tenho meus direitos, isso é uma arbitrariedade, não pode me algemar e me prender assim, eu sou um cidadão!

POLICIAL

Ninguém é cidadão! Agora se comporte porque daqui a pouco vamos pra delegacia. E essa chuva que não passa...

CASSANDRA

O senhor não poderia tentar encontrar o Humberto para mim? Tenho certeza que ele poderá me ajudar!

POLICIAL

Não pode ajudar nem a si próprio! *Pausa.* Ah, eu devia ter me mandado daqui enquanto era tempo, quando eu era jovem e bonito.

CASSANDRA

Mas o senhor é jovem e bonito!

POLICIAL

Tá me estranhando? Quer apanhar mais?

CASSANDRA

Não, quero dizer que ainda é jovem e bonito.

POLICIAL

Mas agora tenho minha ex-mulher.

CASSANDRA

E o que tem ela?

POLICIAL

Não vive sem mim.

CASSANDRA

Mas não acabou de dizer que ela é sua ex, que são separados?

POLICIAL

Somos. Mas eu dependo dela e ela de mim. É uma prisão, o amor. E não adianta fugir porque qualquer lugar que eu estiver vamos sentir a mesma coisa. Estamos condenados. Não adianta tentar escapar, porque vamos sentir falta um do outro, seja aqui ou em Pequim.

CASSANDRA

Não consigo entender.

POLICIAL

Não é de se entender mesmo. É uma condenação alegre. Pobre Pepe, estendido aí no chão com a cara cheia de sangue.

CASSANDRA

Olha, você pode ir para onde quiser, o importante é ser feliz. Eu acredito na felicidade. E nos momentos felizes. Agora, por exemplo, apanhei, estou sendo acusado de um crime, estou algemado nesse lugar perdido no meio do nada. Mas ainda tenho a esperança de encontrar o senhor Humberto. Aí serei mais feliz.

POLICIAL

Você acha que será feliz quando encontrar uma pessoa que procura?

CASSANDRA

Sim.

POLICIAL

E se essa pessoa não corresponder?

CASSANDRA

E quem corresponde a quem?

POLICIAL

Mas quando eu quero eu vou embora. Eu bebo rum até cair. E só levanto no dia seguinte. A maior felicidade é quando não me lembro de nada que fiz. Vou embora de meu corpo, esqueço tudo, quem sou e o que sou, tá entendendo? E esqueço que eu não gostaria de ser. Mas vejo que sou.

Pausa. Toma fôlego.

CASSANDRA

É. Ninguém queria ser. Mas é.

POLICIAL

Mas me diz aí, o que você faz da vida?

CASSANDRA

Sou dançarino profissional. E escritor. Mas as coisas andam meio difíceis sabe, então tenho que me vestir assim para dançar com pessoas que podem pagar. Sabia que tem gente que paga por uma hora de dança, a sós?

POLICIAL

E existe gente triste assim?

CASSANDRA

Aos montes.

POLICIAL

Você dançaria comigo?

Cassandra afirma com a cabeça. O policial tira suas algemas, se colocam de pé. O policial vai até o balcão e coloca uma música na vitrola. Dançam.

POLICIAL

Você deve ganhar bem por isso.

CASSANDRA

Ganho sim. Tenho alguns clientes.

POLICIAL

Só homens?

CASSANDRA

Homens e mulheres. Na mesma medida.

POLICIAL

Nunca poderia imaginar que isso fizesse tão bem.

CASSANDRA

Me faria bem encontrar o senhor Humberto.

POLICIAL

Ele deve estar chegando em casa agora. Quer ir lá?

CASSANDRA

Mas como eu iria, com essa tempestade?

POLICIAL

Tem a ponte velha, é logo ali, na rua de trás; você vai pela ponte e no final, a segunda casa, é a do Humberto. Mas a mãe dele não dançava rumba. Ela queria aprender a dançar rumba, ela dançava tango!

CASSANDRA (Aflito)

Eu posso ir mesmo lá?

POLICIAL

Pode. Mas não demore, tenho que te levar até a delegacia.

Cassandra sai. O policial continua dançando. Para, vai até o balcão, olha para o morto.

Cena 5 - Enclosure

POLICIAL

É verdade. Você queria tanto isso, finalmente tomou coragem. Não quis dizer ao cara que você sempre foi um suicida. Sempre mandei você olhar para o lado bom da vida, mas você nunca quis. Sempre pessimista, grosseiro, nunca quis ver a luz no fim do túnel. Para falar a verdade eu também que a luz estivesse no meio do túnel para facilitar as coisas. O delegado pode pensar que você foi mesmo assassinado. Não posso deixar que o Cassandra seja incriminada. É um cara tão bacana.

Olha ao redor. Pausa.

Já sei. Vou dar mais um tiro com sua arma e sua mão. Assim poderei provar que você teve uma espécie de surto psicótico. Todo mundo sabe que você tomava montanhas de remédios controlados. Vai ser perfeito! Quantas vezes você ameaçou os clientes com esse revólver filho da puta? Filho da puta eu me refiro a você, claro, não ao revólver. O delegado vai entender tudo, não vai querer investigar nada.

Coloca a arma novamente nas mãos do morto, que não é visto pelo público. O policial vira o rosto, como que com medo do barulho. Nesse momento, entra uma freira, que é atingida na perna.

POLICIAL

Meu Deus, irmã Eime, irmã Eime!

IRMÃ EIME (No chão, gemendo)

Você ficou maluco? Atirando assim sem mais nem menos!

POLICIAL

Foi sem querer, a arma disparou, foi sem querer irmã. Se apoie em mim...

Ampara Eime numa cadeira, coloca sua perna ferida em outra. Afasta delicadamente seu traje.

POLICIAL (Assombrado)

A senhora tem tatuagens.

IRMÃ EIME (Gemendo)

E daí idiota? Sou freira, não retardada. E muito menos santa! E não me chame de senhora que tenho a sua idade, lembra?

POLICIAL

Sim, sim, desculpe irmã.

IRMÃ EIME

Irmã também não, me chame de Eime, esqueceu meu nome? Estudamos juntos, lembra?

POLICIAL (Rindo, malicioso)

Claro que lembro.

IRMÃ EIME

Aprontamos tanto não foi?

POLICIAL

Verdade. As atividades em sua casa, em seu quarto, quando seus pais saíam...

IRMÃ EIME

De tudo, é a parte que sinto falta. Quem olha pra você, não imagina o que tem aí dentro da cueca...

POLICIAL (Gargalhando, patético)

Ah, assim você deixa envergonhado.

IRMÃ EIME (Gemendo, afagando a perna)

Ai, como queima, como arde, meu Deus...

POLICIAL

Espere, vou pegar um pano e um pouco de álcool pra limpar.

Corre até o balcão e retorna com um pano branco e uma garrafa com álcool.

IRMÃ EIME

Pena que virou um policial.

POLICIAL

Não ouvi. Falou comigo?

IRMÃ EIME

Não, falei sozinha, sempre falo sozinha em momentos de desespero.

POLICIAL

Aqui, vamos limpar isso um pouco e amarrar para estancar o sangue.

Enquanto procede, a outra geme bastante.

POLICIAL

Dó tanto assim? Nunca imaginei que.

IRMÃ EIME

Queima! Arde! Dói! Tudo ao mesmo tempo... Quando a tempestade passar, precisa me levar no médico. Meu carro quebrou aí fora, o motor tá encharcado.

POLICIAL

O meu também. Ainda dói?

IRMÃ EIME

Não, agora são as hemorroidas infernais. Acho que sangram um pouco.

POLICIAL

Vou buscar um pano limpo, o Pepe vendia panos de chão aqui.

Retorna ao balcão, procura por um tempo. Retorna com um pano de algodão cru.

POLICIAL

Aqui, coloque isso, veja se melhora.

A freira toma o pano, ergue-se um pouco, desengonçada, coloca-o entre as nádegas e entrega novamente ao policial.

IRMÃ EIME

Tinha sangue mesmo, deve ter sido pelo susto.

POLICIAL (Tomando o pano)

Olha só a forma que ficou o sangue.

IRMÃ EIME

Inferno! É verdade. Que curioso.

POLICIAL

A cara daquele Jesus.

IRMÃ EIME

Com mil diabos! É verdade. Todinho ele. A mesma cara.

POLICIAL

Se a gente contasse, ninguém iria acreditar. Poderíamos usar isso a nosso favor, o que acha?

IRMÃ EIME

Se não fôssemos tão burros e honestos e culpados poderíamos sim. Tem uma gente espalhada por aí que pagaria uma fortuna para tocar no tecido.

POLICIAL

Mas a gente não poderia dizer de onde saiu.

IRMÃ EIME

Mas tem a classe dos protestantes, eles não iriam aceitar, não aceitam ícones, não pagariam um centavo pela relíquia.

POLICIAL

Acha mesmo que já é uma relíquia?

IRMÃ

Basta dizer, basta chamar a imprensa, basta incrementar uma aura cênica, paga-se umas matérias, cerca-se de mistério e está feito para todos os séculos.

POLICIAL

Amém! Mas como eu disse, não podemos dizer de onde saiu.

IRMÃ EIME

Sim, isso seria demais. Teríamos que dizer que eu espirrei, algo do tipo, ou vomitei. Melhor: o sofrimento e a imolação, o martírio. Diríamos que eu sou tuberculosa, tossi tanto que em meio ao sofrimento e preces o sangue veio em golfadas. Quando fui ver, tinha esse rosto impresso.

POLICIAL

Fantástico! O martírio sempre impressiona as pessoas. O mártir sempre está próximo daquele Jesus e daquele Deus.

IRMÃ EIME

Mas você precisará ser convincente, não pode tremer das pernas, ter dois discursos, se vai mentir, minta até não poder mais, até a mentira se tornar verdade e todos acreditarão. Se alguém descobrir, botamos a culpa em alguém, você diz que não sabia de nada, muito menos eu. O mártir que não sabia de nada é sempre um herói para o povo.

POLICIAL (Indo até a porta, olha a chuva)

Eu serei convincente, pode deixar, eu serei! Tão convincente quanto os milagres inventados.

IRMÃ EIME

Mas primeiro essa tempestade tem de passar. E eu preciso ver essa ferida, não estou aguentando a dor!

Pende a cabeça para um lado e vê a mão do morto.

IRMÃ EIME

Mas o que é aquilo? *Arrasta-se um pouco, com dificuldade.* Diabos, o que é isso aqui? É o Pepe, morto? Você matou ele?

POLICIAL (Friamente)

O que você está dizendo irmã?

IRMÃ EIME

Você matou o Pepe? E já disse para não me chamar de irmã!

POLICIAL (Friamente. Agora transformado, como um clichê de filme de terror)

Você não devia falar assim comigo irmã.

Irmã Eime se joga no chão e consegue pegar a arma que estava nas mãos do morto e aponta para o Policial.

POLICIAL

Que você pensa que está fazendo?

IRMÃ EIME

Me passe o pano com o carimbo do nazareno.

POLICIAL

Então me passe a arma.

IRMÃ EIME

Eu tolero tudo, tudo, menos assassinato de um amigo meu, Pepe era um grande amigo, nós... Nós... Nós éramos grandes amigos e você o matou!

POLICIAL

Não matei ninguém, ele se matou e eu pensei que fosse culpa do cara vestido de mulher, o Cassandra.

IRMÃ EIME

Se matou? Pepe tinha fé na vida e fé em Deus!

POLICIAL

Deus? Que Deus? O Deus dele era a cachorra empalhada que ele botava no altar e acendia uma vela. Ele também precisava de deuses palpáveis Irmã Eime.

IRMÃ EIME

Pare de me chamar de irmã. E quem é esse cara vestido de mulher? Que história é essa? Não se aproxime que eu atiro! Quero falar com o delegado, vamos explicar tudo a ele. Ele vai adorar saber da história, saber que você matou o Pepe e depois tentou fazer parecer que ele se matou, atirando com as mãos dele, mas acabou me acertando.

POLICIAL

O delegado não vai acreditar nisso.

IRMÃ EIME

Ah, não? Veremos. Me dê o pano.

POLICIAL

O policial é apaixonado por minha filha.

IRMÃ EIME

Mas... Mas sua filha tem apenas dez anos!

POLICIAL

E daí? A gente escolhe por quem se apaixona? Não foi por isso que você virou freira? Trocou a verdadeira paixão secreta por outro homem? Um deus? Pronto a sufocar o seu deus terrestre? Vamos, baixe essa arma, eu não mataria ninguém, você sabe que nunca dei sequer um tiro. E onde já se viu um policial andar com uma arma tão enferrujada e suja? O Pepe se matou, não suportou a ausência da cachorra e do amor secreto que se foi. Todos sabem disso, menos você, porque fica enclausurada feito uma possessa naquele convento medonho. Todos acham esses lugares lindos, calmos. Mas eu acho o contrário. Conventos e mosteiros me remetem às trevas, a algo diabólico. O amor secreto que se foi. Ele se lembrava desse amor a todo instante. Que tipo de amor pode ser tão amor que se faz lembrar todos os dias? Uma vez ele me disse nosso amor é tão grande que das duas uma, ou nos esquecemos para sempre ou nos casamos e seremos felizes por toda vida.

IRMÃ EIME

Ele disse isso?

POLICIAL

Disse, pra mim, sentados os dois na sarjeta aí em frente bebendo cachaça em um dia de muito calor e solidão. A solidão se sente em dias de calor. Não é só em dias frios que queremos o corpo quente da pessoa amada. Mas em dias de calor, suas mãos molhadas e a face úmida. Não é úmido o beijo? Não é molhado o ato amoroso?

Irmã Eime relaxa, parece desfalecer, larga a arma, queda-se.

IRMÃ EIME

Eu devia ter acreditado nele.

POLICIAL

Espera. Acreditado em quem? Não me... Então você... (Começa a rir como um louco) Como eu não tinha percebido! Me dá aqui essa arma, não vamos fazer besteira, toma o pano, vamos esquecer tudo isso.

IRMÃ EIME

Não conte a ninguém.

POLICIAL

Claro que não! Por que contaria? Odeio fofoca! Mas me diz, me conta, como era entre vocês dois?

IRMÃ EIME

Bom. Havia brigas, mas era bom. Ele era frio, mas apaixonado; eu queria sempre mais, ele nem sempre podia me dar. Mas era bom. Éramos...

Nesse momento entra Cassandra, esbaforida, encharcada.

CASSANDRA

Desculpe, mas o viaduto parecia não ter mais fim, e num determinado trecho estava tudo alagado, fiquei com medo de pisar na água, estava tão escuro, e a água já invadiu diversas casas, tem pessoas em cima dos telhados, eu os vi de longe, elas acenavam...

POLICIAL

Essa é o cara vestido de mulher que te falei, está vendo que não menti?

CASSANDRA

Oi. Mas o que uma freira está fazendo aqui numa hora dessas?

POLICIAL

O nome dela é Eime. O carro dela...

IRMÃ EIME

Pode deixar que eu falo por mim. Meu carro quebrou, muita água no motor, só pode ter sido isso. Estava indo ao médico, mas também ficamos sem telefone. Eu sou daqui da região. Mas me diz.

CASSANDRA

Meu nome é Cassandra.

IRMÃ EIME

Certo Cassandra, me diz uma coisa.

CASSANDRA

Não vai me perguntar por que me visto assim?

IRMÃ EIME

Pouco me importa que se vista assim, não é da minha conta! Não tenho essa mania de me envolver na vida dos outros! *Pausa, arqueja.* Me desculpe a rudeza, é que preciso ir ao médico, não me sinto bem. Olha, estou me ajude aqui, parece que urinei sem querer.

CASSANDRA

Deixa que eu ajudo.

Corre e ampara a outra. Põe Irmã Eime encostada na cadeira, com a cabeça apoiada sobre um pano.

POLICIAL

Cuidado, esse pano é sagrado.

CASSANDRA

Sagrado? O que tem ele?

IRMÃ EIME

O rosto daquele Cristo. É tal e qual.

CASSANDRA (Abrindo o pano, espanta-se)

Minha nossa senhora!

POLICIAL

Ela também?

CASSANDRA

A mesma cara.

IRMÃ EIME

Alguém já viu o próprio?

CASSANDRA

Supõe-se.

IRMÃ EIME

Por algum indício? Os evangelhos dão alguma descrição, alguma pista?

CASSANDRA

Assim manda a tradição.

IRMÃ EIME

Ah!

CASSANDRA

Não seja irônica.

IRMÃ EIME

Não é isso, estou gemendo mesmo, não sei o que acontece comigo. Cólicas, contrações... Oh, inferno, quanta dor!

CASSANDRA

Mas isso não tem cheiro de urina. Espere, você... Você está em processo de parto!

POLICIAL

Parto?

IRMÃ EIME

Parto? Está louco? Como poderia se eu... Oh céus!

POLICIAL (Gargalhando)

Eime, Eime... Danadinha... Até no convento, mas quem diria...

IRMÃ EIME

Me deixe em paz, eu nem sabia de nada, pensei que fosse prisão de ventre, está vindo de novo...

POLICIAL

Então pensou que a criança fosse um monte de fezes? O mundo está perdido!

CASSANDRA

Pare de falar e me ajude aqui! Vai lá dentro e traz uma bacia com água limpa.

POLICIAL (Saindo)

Eu trago, mas não quero olhar, eu desmaio vendo essas coisas.

Policial retorna com a água. Cassandra ajuda no parto de Irmã Eime, que se contorce de dor. Enquanto isso, o Policial retorna para o interior do armazém e canta uma música alegre. Cassandra e Eime labutam, mas não ouvimos suas vozes. Termina a música no momento em que termina o parto.

CASSANDRA (Calmo)

É um menino. *Pausa.* Roxo. *Pausa* Não chora.

IRMÃ EIME

Mas vive?

CASSANDRA (Hesitante)

Não.

IRMÃ EIME

Eu me senti mal o dia todo, dores, náuseas, cólicas, tonturas, mas nunca poderia imaginar que.

POLICIAL

Não chora?

IRMÃ EIME

Morto.

POLICIAL

Põe sobre teu colo.

Cassandra vai até a porta do armazém, parece querer respirar ar puro. Fecha os olhos; o Policial tenta espiar o natimorto de soslaio; Irmã Eime coloca o recém-nascido no peito, abraça-o e depois o põe entre os panos num canto.

POLICIAL

E agora, o que a gente faz?

IRMÃ EIME

Você é quem deveria saber, é o único policial aqui.

CASSANDRA

Preciso encontrar o doutor Humberto

IRMÃ EIME

Preciso te agradecer pelo que fez. Obrigada.

CASSANDRA

Por nada, por nada.

IRMÃ EIME

Mas o Humberto não é doutor, é astrólogo.

CASSANDRA

Astrólogo?

POLICIAL

Sim, esqueci de te dizer, ele trabalha com essas coisas de signos, planetas...

IRMÃ EIME

Diz que prevê coisas com o estudo dos astros. Não nos falamos faz tempo, brigamos porque ele me disse coisas terríveis de minha personalidade.

CASSANDRA

Calúnias?

IRMÃ EIME

Não, verdades! Mas não se pode dizer verdades assim impunemente. Elas são como faca afiada.

POLICIAL

Mas qual verdade você não sabia?

IRMÃ EIME

Isso não é de sua conta.

POLICIAL

Não há verdade que a gente não saiba.

CASSANDRA

Ele me ligou agendando um encontro, queria que eu dançasse pra ele. Mas eu parei aqui para beber água, estava exausto e aí começou a tempestade.

IRMÃ EIME

Ele não regula bem da cabeça.

POLICIAL

E quem regula?

IRMÃ EIME

Quer parar? Ou prefere que conte aqui algumas verdades a seu respeito?

POLICIAL

Não vai achar nada.

IRMÃ EIME

Existe alguém acima do delegado que poderia saber que você forjou algo aqui?
E que acabou me acertando com um tiro?

CASSANDRA

Então o ferimento em sua perna...

IRMÃ EIME

Foi ele. Tentando fazer com que parecesse que o morto...

POLICIAL (Gritando)

Vamos fazer o seguinte? Vamos tentar sair assim mesmo, na tempestade?

CASSANDRA

Não vamos conseguir. *Indo até a porta.* Olha, em pouco tempo a água começa a invadir o armazém. O que iremos fazer?

POLICIAL (Indo para detrás do balcão)

É verdade, o porão está debaixo d'água; a água atingiu o depósito do Pepe.

IRMÃ EIME

Precisamos sair daqui. E com toda essa fiação velha, pode ter um curto circuito.

POLICIAL

Vou tentar chegar até o carro e ver se o rádio já está funcionando.

Sai. Cassandra aproxima-se de Irmã Eime, mas não se abraçam.

Cena 9 - One that is

IRMÃ EIME

A espera é dura não é?

CASSANDRA

Fique calma, o policial vai conseguir tirar a gente daqui.

IRMÃ EIME

Eu odeio telefone, mas daria tudo por uma ligação.

Cassandra vai até o aparelho, que está no balcão, põe o fone no ouvido, disca.

CASSANDRA

Nada. Sem linha. *Vai até a porta.* Está tão escuro lá fora, não consigo ver nada. Onde será que ele foi?

IRMÃ EIME

Ele é assim mesmo, meio tonto. Não bate bem da bola.

CASSANDRA

E quem bate?

IRMÃ EIME

Na adolescência, brincávamos de atirar pedra nas casas dos vizinhos. Ele atirava as menores, sempre teve o problema da culpa parcial; eu não: atirava as maiores, as mais pontiagudas.

CASSANDRA

Vou cobrir a face do... Da criança.

Cassandra caminha hesitante até onde depositou o corpo do natimorto; Olha mui calmamente para sua face. Fecha os olhos, passa a mão na própria face como quem se livra da culpa.

IRMÃ EIME

Foi numa daquelas noites que fomos pegos pelo Humberto, que devia ser uns dez anos mais velho que a gente.

CASSANDRA

Não tenho coragem de tocar nele. Se ao menos tivesse uma vela.

IRMÃ EIME

Não reclamou com a gente, apenas sorriu e nos mandou embora. Depois daquele dia nunca mais jogamos pedras na casa dos outros. E foi naquele dia que dormimos juntos.

CASSANDRA (Procurando algo no balcão)

Não é possível que não tenha por aqui. Oh Deus, dois cadáveres é demais para mim!

IRMÃ EIME

Foi uma coisa linda, ele é tão másculo, tão... O que você está procurando?

CASSANDRA

Uma vela. Preciso encontrar uma vela.

IRMÃ EIME

Você não queria encontrar o Humberto?

CASSANDRA

Sim, mas agora preciso de uma vela. Algum sinal do policial?

IRMÃ EIME

Nada. Mas para que você quer uma vela?

CASSANDRA

Para os mortos.

IRMÃ EIME

E qual o significado disso?

CASSANDRA

Você é freira e não sabe?

IRMÃ EIME

Não tenho obrigação e saber tudo.

CASSANDRA

Pois devia. Eu mesma não sei, vi algumas pessoas fazendo o mesmo uma vez, a primeira vez que vi um morto. Achei.

Acende duas velas, uma próxima a mão de Pepe, só se vê a mão; outra próxima ao bebê que está enrolado em um monte de panos sujos.

IRMÃ EIME

Isso aplaca sua culpa? Te deixa mais tranquilo?

CASSANDRA

Não sei.

IRMÃ EIME

Sabe, o Humberto era o nosso deus; todos nós achávamos que ele era louco, e ele é! Andava cheio de penduricalhos, lendo livros, de óculos fundo de garrafa.

CASSANDRA

Tão logo passe a chuva e a água baixe eu vou embora daqui.

IRMÃ EIME

Não quer mais encontrar ele?

CASSANDRA

Não, agora vou pra casa de qualquer jeito.

IRMÃ EIME

Você poderia ir lá dentro buscar um copo com água pra mim? Uma sede de deserto.

CASSANDRA (Saindo)

Claro, não se mexa.

Um tempo. Cassandra retorna com a água, dá a Irmã Eime, que bebe rapidamente.

CASSANDRA

Mais?

IRMÃ EIME

Não, obrigada. Eu quase não bebo água.

CASSANDRA

Eu bebo o dia inteiro! Já passa da meia noite.

IRMÃ EIME

Verdade? Então estamos no natal.

CASSANDRA

Você acredita nisso?

IRMÃ EIME

Não. E você?

CASSANDRA

Também não. Um deus que morre e renasce. E por nós!

IRMÃ EIME

Pois é.

Entra Humberto. De capa, botas e com uma lanterna. Na outra mão um embrulho simples.

HUMBERTO

Boa.

IRMÃ EIME (Atônita)

Humberto? Que novidade! Que faz aqui? Como é que você conseguiu chegar?

CASSANDRA (Mais atônito ainda)

Seu Humberto?

HUMBERTO

Vim de bote, precisava vir trazer o presente.

IRMÃ EIME

Presente?

CASSANDRA

Faz horas que tento encontrar o senhor, parece que me envolvi em um pesadelo!

HUMBERTO

Eu sei, estava tudo escrito.

IRMÃ EIME

Lá vem você com seus mistérios. Mas que presente veio trazer?

HUMBERTO

Para o menino.

CASSANDRA (Olhar de cumplicidade para Irmã Eime)

Ah, o menino...

IRMÃ EIME

Mas você sabia que eu...

HUMBERTO

Claro que sabia.

IRMÃ EIME

Eu devia saber que estava ficando louca, que você é louco, que...

CASSANDRA (Ajeitando-se)

Eu preciso ir embora daqui.

HUMBERTO (Indo em direção ao bebê)

É ele? Tão rosado.

Cassandra se aproxima, Irmã Eime levanta-se com muita dificuldade.

HUMBERTO

Olha, abriu os olhos para mim!

CASSANDRA (Apavorado)

Mas como? Eu jurava que ele...

IRMÃ EIME (Abismada)

Mas não... Mas como...

Cena 10 - Daft

A criança começa a chorar.

HUMBERTO (Carregando o bebê no colo)

Deve estar com fome; ou não gostou de minha cara feia.

CASSANDRA

Espere, sua cara... Você também é a cara do... E do...

HUMBERTO

Olha, passou a chuva. Não é um pequeno milagre? Parecia um segundo dilúvio! Um milagre que a chuva tenha estiado. *Indo até a porta.* Venha, vamos lá fora ver as estrelas, olha como o céu está limpo... Venha Eime, lá fora você dá o peito ao seu filho, vamos lá fora ver as estrelas, não parece um milagre que a chuva tenha parado tão de repente?

IRMÃ EIME (Olhando para Cassandra e para Humberto)

Mas eu não sei o que dizer.

CASSANDRA

Espere, o que o senhor queria comigo?

HUMBERTO (Saindo)

Lá fora eu conto, vamos! Não é um milagre podermos ver o brilho das estrelas? E nos esquecemos disso não é? Quando vinha para cá, vi um policial sorrindo, boiando na água, olhando encantado o firmamento.

*Irmã Eime sai, se arrastando. Cassandra fica parado por um tempo, abrindo e fechando os braços, olhando em redor, sem entender. Começa a escurecer.
Cassandra sai. Toca o telefone.*

FIM